

## NEGROS DE COROA\*

*Paulo Dias\*\**

### **Resumo**

Narrativa do envolvimento afetivo e emocional com sons, gestos, cores, poética de experiências populares em dia festivo.

### **Palavras-chave**

Música; comida; ambiente; sagrado e profano.

### **Abstract**

*Narrative regarding the affective and emotional involvement with sounds, gestures, colors, poetics of popular experiences in a festive day.*

### **Key-words**

*Music; food; ambiance; sacred and profane.*

Seriam umas dez da manhã, um sol já insistente, e subíamos uma das muitas ladeiras de Aparecida “velha” rumo à praça. Tudo normal para um dia de festa, muita gente na rua, lojas abertas com pandeiros dependurados. De repente, emergindo de uma porta de calçada, personagens extraordinários alinham-se em duas alas em frente à modesta pensão. Alguns carregam tambores, outros seguram finos bastões. Trajam amarelo e preto, camisas cintilantes com franjas, chapéus enfeitados com fita, espelhos e flores. No meio deles, um rei e uma rainha, velhos negros coroados envolvidos em mantos de damasco. Soberbos sem soberba, aguardam silenciosos, como cabe aos soberanos, enquanto seus netinhos impacientes, no fim da fila, trocam olhares divertidos. Há pelo menos três gerações ali. Afinados os instrumentos, o apito do capitão comunica o ritmo e deflagra o canto. Congos negros e brancos balanceiam como ondas do mar.

Vamo-s’embora com Deus  
Nossa Senhora da Guia...

A guarda de Vilão<sup>1</sup> parte ladeira acima precedendo o casal real. As manguaras enfeitadas com papel de seda cruzam-se na cadência da música e evoluem com o bailado.

Essa dança é de fé,  
Inda é de irmão com irmão...

Fé com festa: o corpo inteiro significando, a expressão da beleza multiplicada por tantos pés, mãos e gargantas.

Que histórias estariam protagonizando aqueles seres mágicos, ao mesmo tempo uma gente tão real, tão cruamente brasileira? Sem entender muito, acompanhávamos o terno pelas ruas de Aparecida. Será que a máquina fotográfica e o microfone os incomodavam? Parece que não, porque logo fomos convidados a entrar no meio do grupo, ficando entre as duas fileiras. Os dançadores nos dirigiam fala gentil. E as fotografias vão sendo tiradas no espanto da hora, no batido do tambor, no bojo de uma trama em que o gesto, a canção, o ritmo, a



Fotos: Andréa de Valentin

cor em movimento, o corpo que conta, esses diferentes fazeres artísticos se organizavam em polifonia num imenso corpo expressivo.

A esta altura a guarda já chegava à praça. O capitão improvisa um pedido de licença:

Se você me dá licença,  
Reloginho marcou as hora.  
Quero licença de todos,  
O terno chegou agora.



Não é para menos, a praça é um mar de música, um mundo de gente que canta o canto e dança a dança, cidadãos participantes. Comunidades do tambor. Na calçada, as barracas da quermesse, com cerveja, cachaça, lingüiça calabresa em rolos, prazeres do povo. Na rua, são quarenta ternos juntos, quarenta repertórios, quarenta jeitos de compor a narrativa que justifica o estar no mundo. E para louvar o santo preto e católico, todos, do avô ao netinho, produzem arte com prazer e alegria.

Que santo é aquele  
Que envém lá na Estrada?  
É São Benedito  
Com sua congada.

Fé no santo e no preto, e na alva santa dos pretos, a Senhora do Rosário. E na Santa Ifigênia, cativa negra que salvou do fogo as irmãzinhas de um convento. Em frente à Igreja de São Benedito em Aparecida Velha, chacoalham atados às pernas dos dançadores os



paiais do Vale do Paraíba e as gungas mineiras, Moçambiques de São Benedito e Maçambiques do Rosário lado a lado.<sup>2</sup> Na outra rua a meninada corre doida atrás dos bonecos João Paulino e Maria Angu que balançam na ladeira e trocam beijos desajeitados. Na festa a diversão é para todos. As fotos saem mais pensadas porque existe um fio em tudo isso, que a intuição vai percebendo. É que a fala atemporal dos congadeiros, como todo narrar do mito, comunica ao inconsciente. Enquanto a Festa puxa para o outro lado, sensibiliza a consciência, o saborear imediatista e voluptuoso da liberdade.

O nosso terno de Vilão já se perdeu na massa. Agora é um Catopé que passa:

A nossa bandeira  
É uma bandeira de Guerra.  
É verde, amarelo, branco cor anil,  
todo mundo respeita ela.

Resolvemos acompanhar essa guarda guerrilheira, cujas armas são os longos *canzás*, reco-recos de bambu que disparam rajadas de ritmo. A bandeira da cultura popular brasileira, da cultura do preto e do pobre, vem abrindo caminho com a força de um sabre de Ogum. Porém, agora já se torna impossível acompanhar *um* grupo, porque atrás vem gente dizendo coisas. E essas coisas clamam por registro.



Chega um Congo explodindo num batidão de pandeiros, dezenas deles (aí é que entendemos por que as lojas da cidade os vendem em penca...). E depois outro Congo vestindo capacetes com espelhos, rebatendo o mau olhar e jogando estilhaços do sol a pino entre a multidão, a ala azul e a ala vermelha simulando combate.

O navio negreiro  
Deu sinal na terra,  
Bandeira vermelha  
É sinal de guerra.

Lá vem os marujo  
Entrando em prontidão  
Derrotar os mouro,  
Salvar os cristão.

Guerra outra vez, a batalha entre sobas da velha África, os vencidos forçados à travessia da Calunga Grande<sup>3</sup> e tornados em marinheiros de Deus, de uma nau que um dia foi Catarineta. Em terras brasileiras seguem pelejando, dessa vez contra os Mouros de Carlos Magno. É mais um batalhão que ergue sua bandeira de guerra para se expressar como negro através da fé do branco, o desvão por onde significar a sua história, a sua originalidade criadora, os seus mitos fundantes, os seus valores. A sua identidade.

Segue uma guarda de Marujos, trazendo a força do povo das águas. Vestidos de branco, quepe de marinheiro:

No fundo do mar tem um nó,  
Ninguém pode desatar;  
Quem desata é marinheiro  
Que já passou por lá.

O capitão é homem fino. Entre um canto e outro, explica essa história de *desatar*. Numa festa como essa, quando duas guardas de congado se encontram, pode acontecer de um capitão jogar em cima do outro um *ponto*, melodia que mexe com as forças ocultas. Ele encerra um enigma que deve ser decifrado, também em versos, pelo outro cantador, caso contrário o pior pode acontecer, desde o couro dos tambores furar ou a guarda “ficar desanimada”, até coisa mais grave. Porque os grupos do Congado transitam na fronteira entre o mundo real e o sobrenatural, fronteira em verdade inexistente no pensar religioso africano e afro-brasileiro, em que a vivência do sagrado é cotidiana e total. E como na África, a palavra proferida tem poder de fazer e desfazer. Reencontramos nestes congadeiros católicos gestos, cantos e atitudes que observáramos nos candomblés e umbandas.

Oi marinheiro,  
Lá no mar balanciô.  
Ô sereia, ô langor,  
É Pai Xangô.

Marinheiros de uma terra sem mar evocam os antepassados sepultados no oceano, atirados dos navios negreiros.

E eis que chega o Congo Real, o de Dores do Indaiá, de Minas, com sua elegante dança de penachos sem nenhum canto e com entrechoque de varas finas. Aqui é a força mística dos índios caboclos, simbolizada pelos capacetes de pena de pavão, força essa que os coloca num grau hierárquico elevado em relação aos outros tipos de agrupamento do congado. Ficam próximos aos Maçambiques, as agremiações de maior poder sacral. E logo vem um Maçambique mineiro chegando num batido serra-abaixo:

Tava procurando casa de maíó.  
Chora *ingoma*, ê Angola.

Trajes despojados, sem brilho: batas, saiote, turbante, todos de branco e azul, cruzados de rosários e patuás. Nas pernas *gungas*, nas mãos *patangomes*. Seus capitães portam o bastão que concentra as energias das almas pretas, a *ingoma* de Angola.<sup>1</sup> O culto aos antepassados, fundamento da religiosidade africana, se revela nos cantos e louvações desses Maçambiques. Lembramos de novo a umbanda, onde os Pretos Velhos, ancestrais genéricos, aconselham e intercedem pelos deste mundo.



Atrás de tudo vêm o *Reinado*, grupo de rainhas e reis coroados e paramentados: os Reis de Congo, de cargo vitalício, representantes das dinastias africanas na diáspora, os Reis de ano e demais *croados*. Esses soberanos vão passando diante de nós agora, lentos e solenes, com seus mantos e insígnias, cheios de dramática gravidade. O batido das *caixas* mudou pra *serra-acima*:

Eu levo coroa,  
Eu levo coroa.

Soberanos do povo vencido que se tornou vencedor pela força de sua arte. E, ladeira acima,

Vamo devagar,  
Maçambiqueiro não pode correr.

O Maçambique avança a passo lento, cada vez mais tirando nosso fôlego. Cantando belezas e contando histórias de sua gente para quem quiser ouvir. O capitão, olhar fraterno, nos homenageia no tiro da toada:

Vou pedir Nossa Senhora  
Pra este povo a benção,  
Pra levar pra sua casa  
E escutar a gravação.

A tarde se enche de sombras, e os congadeiros não pensam em parar de cantar e dançar, enquanto vão derivando junto com seu povo coroado para os ônibus que os esperam. Fica a promessa de voltar no ano que vem, se Zâmbi<sup>5</sup> e São Benedito permitirem.

Se a morte não me matar, tamburi,  
Se a terra não me comer, tamburi,  
Ai, ai, ai, tamburi  
Para o ano eu voltarei, tamburi.

*Recebido em agosto/2003; aprovado em dezembro/2003*

## Notas

<sup>1</sup> Este texto foi escrito em 1996 para apresentar a exposição “Negros de Coroa”, com fotografias de Andrea de Valentim, realizada no Departamento de Antropologia da FFLCH-USP. Narra o primeiro contato dos pesquisadores com a rica tradição das congadas, ocorrido no ano de 1992 durante a Festa de São Benedito em Aparecida do Norte (SP). Este festejo, um dos maiores eventos da cultura popular tradicional no Brasil, acontece no mês de abril e reúne cerca de sessenta grupos de congada vindos principalmente de Minas Gerais e São Paulo.

<sup>2</sup> Pesquisador e diretor da Associação Cachuera!, voltada à documentação, estudo e divulgação da cultura popular tradicional brasileira.

<sup>3</sup> Na tradição do *Congado* (coletivo ou encontro de congadas) de Minas Gerais, os grupos rituais com música e dança são chamados *guardas* ou *ternos* e dividem-se em diferentes categorias, com variação de ritmo, instrumentação, cantoria, indumentária, ritualidade; todos eles estão ligados à tradição dos Reis Congos (representantes da ancestralidade africana) e às irmandades negras de N.S. do Rosário, S. Benedito, Sta. Ifigênia e outras. Também comum aos diversos tipos de congadas é o uso das *caixas*, tambores de duas peles percutidos com baquetas. Grupos com características semelhantes aparecem por todo o Brasil. Na hierarquia do Congado mineiro, o Vilão geralmente é quem abre o cortejo com suas belas danças de entrechoque de varas (*manguaras*). As guardas com coreografias mais vistosas e acrobáticas como o Vilão, o Catopé e o Congo vão à frente para atrair todas as atenções e desviar qualquer olhar mal-intencionado que porventura pudesse ser dirigido ao *Reinado* (conjunto de reis, rainhas e sua corte). Atrás vão os grupos de maior sacralidade, dando retaguarda espiritual aos Reis Congos: o Marujo, o Caboclo ou Penacho e, por último, o Maçambique.

<sup>4</sup> Os Moçambiques com manejo de bastão, também chamados Congadas, são grupos de devoção a São Benedito característicos do Vale do Paraíba paulista. Executam complicadas manobras com entrechoque de bastões, enquanto cantam e dançam. Os guizos ou sinos atados abaixo do joelho, denominados *paiaís*, marcam percussivamente os passos dos dançantes. Já nos homônimos Maçambiques de Minas Gerais, os componentes utilizam chocalhos amarrados aos tornozelos, as *gungas*, as quais soam através do sapateio.

<sup>5</sup> Calunga Grande é o oceano, em tradições religiosas banto-brasileiras.

<sup>6</sup> Batido *serra-abaxo* é um dos dois ritmos mais freqüentes executados pelos Maçambiques da região de Belo Horizonte; o outro é o *serra-acima*. *Patangomes* são chocalhos de lata circulares que, quando tocados, lembram os movimentos de se peneirar ou de se batear ouro. *Ngoma* é a palavra para “tambor” em várias línguas banto-africanas; no termo afro-brasileiro *ingoma* esse sentido é preservado, e seu campo semântico é ampliado para “canto e dança tradicionais” e, finalmente, “comunidade que pratica a devoção tradicional”.

<sup>7</sup> Entre os congadeiros, Zâmbi é Deus.